

## ESTADO DA ARTE DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DE RONDÔNIA

### STATE OF THE ART OF THE PROJECT LINGUISTIC ATLAS OF RONDÔNIA

Iara Maria Teles | [Lattes](#) | [itelles18@gmail.com](mailto:itelles18@gmail.com)  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Abdelhak Razky | CNPq | [Lattes](#) | [arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)  
Universidade de Brasília (UnB) | Universidade Federal do Pará (UFPA)

Diego Coimbra | [Lattes](#) | [diegocoimbrast@gmail.com](mailto:diegocoimbrast@gmail.com)  
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar o estado da arte do projeto Atlas Linguístico de Rondônia. O estudo segue a orientação teórico-metodológica da Dialetoologia Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996), a Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLER, 2007), a perspectiva da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e a noção de agrupamento fonético (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019). Foram analisados 16 pontos de inquérito que compõem a rede de pontos do ALiRO (Atlas Linguístico de Rondônia). Nas localidades dos municípios do interior de Rondônia, foram entrevistados 4 informantes em cada localidade, estratificados conforme os grupos de fatores considerados nesta pesquisa, quais sejam: *faixa etária* (2 informantes de 18 a 30 anos e 2 de 50 a 65 anos) e *sexo* (2 homens e 2 mulheres). Na capital, entrevistou-se 8 informantes estratificados em *sexo* (4 homens e 4 mulheres), *faixa etária* (4 informantes de 18 a 30 anos e 4 informantes de 50 a 65 anos) e *escolaridade* (4 informantes com ensino fundamental e 4 informantes com ensino superior). No total, foram elencados 20 aspectos fonético-fonológicos variáveis no banco de dados do ALiRO, sendo 9 concernentes aos segmentos vocálicos e 11 concernentes aos segmentos consonantais. Neste estudo, foram descritas e analisadas as vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ em posição pretônica e a consoante /S/ em coda silábica interna. Os resultados, apresentados em cartas linguísticas e em tabelas com dados quantitativos, apontam para uma variação fonética relevante do ponto de vista geossociolinguístico.

**Palavras-chave:** Variação fonética; Região Norte; Geossociolinguística; ALiRO.

**Abstract:** This paper aims to present the state of the art of the Linguistic Atlas of Rondônia's Project. The study follows the theoretical-methodological orientation of Pluridimensional Dialectology (RADTKE; THUN, 1996), Quantitative Sociolinguistics (GUY; ZILLER, 2007), Geosociolinguistic perspective (RAZKY, 1998), and the notion of Phonetic Grouping (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019). 16 geographic points that compose ALiRO's network were analyzed. In the geographic points that compose the cities of Rondônia's rural zone, 4 informants were interviewed in each point, which were stratified according to the factor groups considered in this research, namely: *age group* (two informants from 18 to 30 years old and two from 50 to 65 years old) and *sex* (two men and two women). In the capital, 8 stratified informants were interviewed according to *sex* (4 men and 4 women), *age group* (4 informants from 18 to 30 years and 4 informants from 50 to 65 years) and *schooling* (4 informants with elementary education and 4 informants with higher education). Overall, 20 phonetic-phonological aspects were listed in ALiRO's database, 9 concerning vowel segments and 11 concerning consonant segments. 2 phenomena are retained for the purpose of this paper: the middle vowels /e/ and /o/ in pre-stressed position and /S/ in internal syllabic coda position. The results, presented in 3 linguistic maps and tables, indicate relevant phonetic variation from a geosociolinguistic perspective.

**Keywords:** Phonetic Variation; North Region; Geosociolinguistics; ALiRO.

## 1 Introdução

Quando se percorrem os diversos municípios do Estado de Rondônia, constata-se, de oitiva, uma variedade de falares, o que dificulta determinar com precisão um traço linguístico único que possa caracterizar o povo rondoniense. Em virtude disso, constata-se a importância da pesquisa que resultou no desenvolvimento do Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO.

Pode-se dizer que Rondônia é um Estado cosmopolita. Qual o motivo dessa afirmação? A resposta encontra-se na história peculiar da formação de sua população. Atualmente, Rondônia conta com cerca de 1.787.279 habitantes distribuídos em 237.765,376 km<sup>2</sup>. Em seu início, a formação do Estado deveu-se a pioneiros vindos das mais diversas regiões do Brasil – sobretudo do Nordeste – e de outros países (Líbano, França, Grã-Bretanha, Estados Unidos da América, Caribe, Espanha e países provenientes do continente africano, entre outros), atraídos por diversas razões, quais sejam: cons-

trução da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – EFMM, extração da borracha, garimpo e agropecuária.

Como ainda é relativamente inexistente uma pesquisa sobre o falar de Rondônia, o ALiRO descreve os diversos falares desse Estado, considerando as influências dos diferentes grupos que vieram a constituir-lo para responder à pergunta: será que se pode dizer que o Estado de Rondônia já possui um falar próprio ou ele ainda está surgindo com a população mais jovem? Essa pesquisa vem, assim, contribuir para o desenvolvimento dos estudos geossociolinguísticos no panorama brasileiro, sobretudo com a influência do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Dessa forma, a importância do ALiRO, além do valor linguístico da descrição e análise dos aspectos fonéticos e geossociolinguísticos dos falares rondonienses, da discussão da variação inter e intradialetal e mudança linguística e da possibilidade de se realizar, a longo prazo, uma experiência de cooperação entre diferentes pesquisadores e diferentes instituições, reside, sobretudo, na contribuição para a documentação e constituição de um banco de dados dos falares rondonienses como acervo linguístico do Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia – CEPLA – da Universidade Federal de Rondônia, *Campus* de Guajará-Mirim.

Para falar da população do Estado de Rondônia, em relação à questão étnica, ela é semelhante ao restante do país, pois é formada por brancos, negros e índios. No entanto, devido à grande imigração e migração durante os ciclos de produção econômica, diversos povos dessas etnias deram sua contribuição para a sociedade rondoniense, cuja identidade regional ainda está em formação (AMARAL, 2012).

Como dito anteriormente, Rondônia é um Estado cosmopolita, uma mistura de várias culturas, de tal sorte que ainda não há nenhum traço cultural prevalecendo sobre outro por causa das intensas e constantes ondas de migração.

As influências sobre o vocabulário também são variadas: no Amazonas nota-se a produtividade de *arengar* (brigar), *banho* (balneário); no Pará, a expressão *Éraste!* (acompanha os sinônimos de *Égua!*), tu *alopra* (apela) e *acocar* (abaixar); no Nordeste, observa-se a produtividade de *abestado* (*abobalhado, doido, leso, distraído*), *acochado* (apertado), *alesado* (*abobalhado, distraído*); o *guri*, muito presente no falar gaúcho é bastante empregado em algumas cidades, e, em outras, o *piá* paranaense. Entre os jovens, é usado o *piseiro*, gíria local com o sentido de *festa, bagunça*, mas também encontramos *barca* (festa jovem) (AMARAL, 2012).

Portanto, este artigo tem por objetivo demonstrar a inserção do ALiRO teórico-metodologicamente na Dialetoologia moderna demonstrando empiricamente os resul-

tados alcançados por meio de uma amostra analítico-descritiva de três aspectos fonético-fonológicos, quais sejam: /S/ em coda silábica interna, vogal média anterior /e/ em posição pretônica e vogal média posterior /o/ em posição pretônica.

## **2 A fase moderna da Geolinguística brasileira**

O Projeto ALiRO nasceu em 2006, aproveitando avanços teórico-metodológicos da Dialetologia Moderna (CARDOSO, 2010), dos aportes da abordagem Geossociolinguística iniciada no Norte do Brasil (RAZKY, 1998; 2004; 2010) e dos aportes de estudos sobre a Dialetologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996).

A nível macrorregional, pode-se afirmar que o marco basilar dos avanços teóricos da Dialetologia brasileira se concretizou com o início, em 1996, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. O projeto ALiB marca, segundo Mota e Cardoso (2006), a quarta fase dos estudos dialetais no Brasil, que alia os avanços teóricos na dialetologia tradicional herdada da Europa e da vertente norte-americana da sociolinguística, a qual já tinha uma produção sólida no Brasil dos anos 90.

O Projeto ALiB constituiu uma metodologia rígida de recolha de dados, a qual exerceu influência sobre grande parte dos estudos dialetais que o sucederam. A exemplo disso, têm-se os atlas regionais, bem como teses, dissertações e artigos que seguiram a mesma linha de investigação. A metodologia do ALiB, que foi aplicada em diferentes projetos de atlas linguísticos, permite que sejam elaborados estudos comparativos entre esses atlas, a fim de estabelecer características interdialetais entre diferentes espaços geográficos (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019, p. 4).

A importância teórico-metodológica do ALiB e de outros projetos em curso na época de seu lançamento demonstraram a relevância de uma descrição linguística que busca analisar o aspecto horizontal (diatópico) e o aspecto vertical (social no sentido mais amplo do termo). Nessa mesma época, os estudos dialetais do Norte investigavam as relações íntimas entre o local e o social, entre o quantitativo e o qualitativo, entre as técnicas sociolinguísticas e as técnicas geolinguísticas. O projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará, por exemplo (RAZKY, 1997), seguia a orientação geossociolinguística (RAZKY, 1998) para melhor entender a microvariação e macrovariação linguística em 51 localidades do Estado do Pará, levando em consideração o espaço físico e social na descrição dos fenômenos linguísticos. Um dos frutos desse movimento foi o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (RAZKY, 2004).

A abordagem geossociolinguística, como outras denominações presentes nessa quarta fase da Dialetoologia brasileira moderna, trouxe à tona resultados que permitiram melhor entender a variação linguística no Brasil e revisar dados geolinguísticos pautados em metodologias monodimensionais e bidimensionais que deixavam do lado a investigação representativa socialmente de microespaços geográficos.

Os estudos sociolinguísticos no Brasil que se dedicam a espaços muito limitados, como a descrição de uma cidade, muitas vezes acabam generalizando ou induzindo generalizações de seus resultados a espaços vizinhos, criando dialetos imaginários, enquanto a variação linguística está sujeita a muitas variáveis e que a variável geográfica tem um peso muito importante. Outros estudos, por terem como objetivos grandes espaços geográficos e uma amostragem reduzida, também podem deixar do lado a riqueza que uma boa estratificação social pode produzir. É neste sentido que defendemos a abordagem geo-sociolinguística. (RAZKY, 2010, p. 12, tradução nossa)<sup>1</sup>

A dialetologia brasileira, em sua forma moderna, ganhou com a implementação de tecnologias de cartografia que marcaram a confecção de cartas linguísticas em diferentes fases e acompanharam o rumo do desenvolvimento teórico da dialetologia brasileira.

De acordo com Razky e Cruz (2020), as técnicas de mapeamento do primeiro atlas linguístico regional do Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI et al., 1963), por exemplo, constituíram um trabalho exclusivamente manual. Embora tenha sido elaborado com alto rigor científico, com metodologias de cartografia linguística monodimensionais, todas as suas cartas foram confeccionadas manualmente seguindo o que era atual na época. Por outro lado, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (KOCK et al., 2002) usou um conjunto de programas computacionais que facilitaram a criação de mapas baseados em um banco de dados definido de acordo com uma metodologia específica, desenvolvida para o próprio ALERS.

Uma etapa importante nas metodologias de cartografia no Brasil foi alcançada com o desenvolvimento do programa de mapeamento linguístico SPDGL (VIEIRA, 1996). Esse empreendimento de grande porte na história da Dialetoologia brasileira ficou limi-

---

<sup>1</sup> “Les études sociolinguistiques au Brésil qui se sont consacrées à des espaces très limités, comme la description d’une ville finissent souvent par généraliser ou induire à des généralisations de leurs résultats aux espaces voisins créant ainsi des dialectes imaginaires, alors que la variation linguistique est sujette à beaucoup de variables et que la variable géographique a un poids très important. D’autres études, pour avoir comme objectifs des espaces géographiques étendus et un échantillonnage réduit peuvent aussi laisser de côté la richesse qu’une bonne stratification sociale peut produire. C’est dans ce sens que nous défendons la démarche géo-sociolinguistique.”

tado, no entanto, a uma metodologia dialetológica ligada a uma estratificação social limitada, o que não respondia às exigências da dialetologia urbana, a qual se inspirou nos métodos da Geolinguística multidimensional que, por sua vez, integra uma estratificação mais complexa do ponto de vista da seleção estratificada dos informantes, das localidades e dos tipos de entrevistas, para a confecção de relatórios e cartas linguísticas que permitem visualizar diferentes dimensões de análise.

Um desenvolvimento nas técnicas de cartografia computadorizada no Brasil foi alcançado com a publicação do Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (RAZKY, 2004). O projeto ALiSPA, realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e da Universidade Federal do Pará – UFPA, constitui a primeira experiência de construção de um atlas linguístico digital no Brasil. Em sua versão atual, a coleta de dados consiste apenas na aplicação de questionários e atém-se somente à variação fonética presente no Estado do Pará. É um programa realizado para um objetivo específico, mas que apresenta um desenvolvimento importante na área de dialetologia urbana, visto que consegue mapear dados estratificados socialmente. O programa reúne amostras da fala de 40 (quarenta) informantes nativos de dez cidades paraenses e permite gerar 600 cartas fonéticas automaticamente, disponibilizar em frequência absoluta a variação fonética, representar acusticamente todo o banco de dados fonéticos existente, gerar cartas estratificadas a partir da pesquisa do usuário e, por fim, possibilita ao usuário ouvir o áudio dos itens do Questionário Fonético-Fonológico – QFF com as realizações dos informantes. No entanto, o ALiSPA só atendia aos objetivos do ALiSPA e só permitia gerar dados para outros projetos mediante configurações especiais do *software*.

A primeira versão experimental de um programa de cartografia geossociolinguístico foi a maquete Geoling, que iniciou em 2004 e foi desenvolvida em 2012 como protótipo experimental (RAZKY; CRUZ, 2020), que não chegou a ser registrado como *software* a ser usado fora da UFPA por falta de parceria com o setor de informática.

Em 2014, uma proposta importante de *software* foi alcançada graças ao esforço coletivo de três pesquisadores que desenvolveram o programa SGVCLin (ROMANO et al., 2014). O SGVCLin conseguiu alcançar, com certa rapidez e eficácia, o sucesso no meio geolinguístico brasileiro ao permitir, em um ambiente orientado para objetos (*object-oriented*), gerenciar bancos de dados geolinguísticos e cartografar dados diatópicos



e sociais. Em sua versão atual, o programa não gerencia, no entanto, dados sonoros para tornar a cartografia mais dinâmica no sentido de permitir ao usuário ouvir os dados transcritos e cartografados.

Um avanço notável da Dialetologia está ligado à integração da descrição dialetométrica de dados geolinguísticos (SÉGUY, 1973). A Dialetometria, que até então era bastante divulgada e usada em diferentes partes da Europa, começou a ser aplicada a bancos de dados de atlas publicados no Brasil, como é o caso do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994) e o Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2012). No entanto, há ainda um espaço a ser preenchido entre uma descrição puramente estatística na geração de cartas linguísticas e uma descrição de cartas geradas a partir de uma análise exploratória dos dados envolvendo diferentes camadas estatísticas que representam o detalhe dentro do geral. Trata-se de uma perspectiva que não faz abstração do que parece pouco relevante diante de cálculo puramente estatístico. Os dados geossociolinguísticos na dimensão multifatorial permitem comparações mais representativas dos nano e micro agrupamentos espaciais de variantes linguísticas que algumas interpretações estatísticas rápidas podem negligenciar.

O Projeto ALiRO segue essa visão geossociolinguística e pretende disponibilizar um acervo sonoro de cada carta fonética gerada e uma análise de cartas em espaços menores que exigem uma análise geográfica em nanoagrupamentos, microagrupamentos, macroagrupamentos e supra-agrupamentos (RAZKY et al., 2018, 2019). Neste sentido, o ALiRO segue as técnicas adotadas no ALISPA (2004) e o modelo de cartografia em pizzas e histogramas usado no ALiB. Além disso o ALiRO pretende disponibilizar uma versão falante do Atlas.

### **3 A Metodologia Geossociolinguística do ALiRO**

O corpus para a análise linguística e elaboração do ALiRO foi constituído por meio de pesquisa direta nos Pontos de Inquérito (PI) com a aplicação dos três questionários do ALiB (Comitê Nacional, 2001), a saber: a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF); b) Questionário Semântico-Lexical (QSL); c) Questionário Morfossintático (QMS), além de questões de prosódia, pragmática, metalinguísticas e das que propõem discursos semidirigidos.

Para a seleção dos informantes, foram observadas as variáveis definidas pelo Comitê

Nacional do ALiB (2001): questão espacial, faixa etária, sexo e escolaridade, tendo em vista trabalhos comparativos posteriores.

O perfil dos informantes foi assim definido segundo os seguintes critérios extralinguísticos:

- a) **sexo:** os informantes foram distribuídos em dois grupos: masculino e feminino. Na capital do Estado, foram 8 informantes (quatro homens e quatro mulheres), e 04 informantes (dois homens e duas mulheres) em cada localidade do interior do Estado;
- b) **faixa etária:** foram situados em duas faixas etárias: 1ª faixa etária de informantes entre 18 e 30 anos e a 2ª faixa etária de participantes com idade entre 50 e 65 anos;
- c) **nível de escolaridade e profissão:** todos alfabetizados, tendo cursado, no máximo, o ensino fundamental, com uma profissão definida inserida no contexto social local; somente na capital é que, além dos quatro informantes com ensino fundamental, foram inquiridos mais quatro, com ensino superior;
- d) **naturalidade:** todos são naturais da localidade pesquisada e filhos de pais também nascidos na região.

No entanto, não só pela história da formação da população de Rondônia, mas também por ser um Estado que possui apenas dois municípios cuja criação se deu antes dos anos 1940, Porto Velho e Guajará-Mirim, foi impossível encontrar informantes em todos os pontos de inquérito que se enquadrassem no perfil delineado. Assim, pelas características de sua criação e formação de sua população, o ALiRO é um atlas que integra o contínuo topodinâmico da história do Estado dentro de uma preocupação topoestática do banco de dados.

A fim de se obter uma amostra representativa dos “falares” rondonienses para efeito da pesquisa do ALiRO, foi adotada a divisão do Estado em três regiões: Região Norte, Vale do Guaporé-Mamoré e Cone Sul, considerando três fatores:

- 1. os Rios Madeira e Guaporé-Mamoré;
- 2. duas mesorregiões: do Madeira-Mamoré e do Leste Rondoniense;
- 3. as influências recebidas de imigrantes e migrantes na colonização de Rondônia de acordo com Silva (1984), o que foi constatado pelas análises dos dados da pesquisa.



Selecionaram-se dezesseis pontos de inquéritos (PI), doze municípios e quatro distritos, dentre os cinquenta e dois municípios do Estado, conforme o Quadro 1.

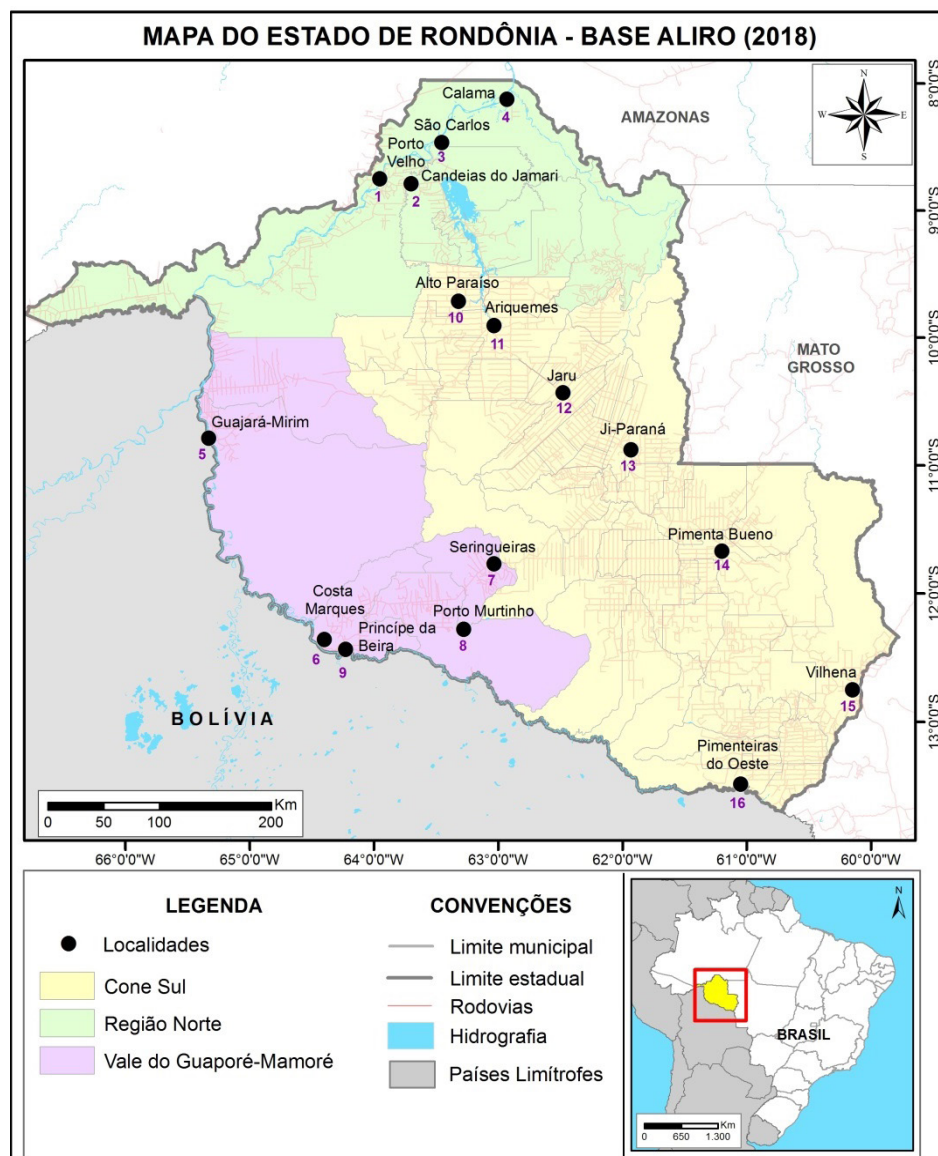
**Quadro 1** – Localidades investigadas

| MICRORREGIÕES                 | NUMERAÇÃO | MUNICÍPIO                          |
|-------------------------------|-----------|------------------------------------|
| <b>Norte</b>                  | 01        | Porto Velho                        |
|                               | 02        | Candeias                           |
|                               | 03        | São Carlos (distrito)              |
|                               | 04        | Calama (distrito)                  |
| <b>Vale do Guaporé-Mamoré</b> | 05        | Guajará-Mirim                      |
|                               | 06        | Costa Marques                      |
|                               | 07        | Seringueiras                       |
|                               | 08        | Porto Murtinho (distrito)          |
|                               | 09        | Forte Príncipe da Beira (distrito) |
| <b>Cone Sul</b>               | 10        | Alto Paraíso                       |
|                               | 11        | Ariquemes                          |
|                               | 12        | Jaru                               |
|                               | 13        | Ji-Paraná                          |
|                               | 14        | Pimenta Bueno                      |
|                               | 15        | Vilhena                            |
|                               | 16        | Pimenteiras                        |

Fonte: Razky, Telles e Coimbra (2019, p. 7).

A Figura 1 da primeira carta base do ALiRO mostra as 16 localidades distribuídas pelas 3 mesorregiões<sup>2</sup> do Estado de Rondônia.

**Figura 1** – Localização geográfica dos pontos de inquérito



Fonte: IBGE/Documentação própria do ALiRO.

#### 4 Amostra de análise cartográfica de dados fonéticos do ALiRO

Dentre a amplitude dos fenômenos fonético-fonológicos do ALiRO, destacaram-se neste artigo três fenômenos, quais sejam: /S/ pós-vocálico, vogal média pretônica /e/ e vogal média pretônica /o/. A escolha por esses aspectos fonético-fonológicos se dá em virtude da produtividade variacionista que esses fenômenos apresentaram na análise dos dados do ALiRO.

##### 4.1 A variação do /S/ pós-vocálico

Nesta seção, buscou-se analisar as realizações de /S/ em posição de coda silábi-

ca interna e externa, na tentativa de verificar quais variantes predominam no falar de Rondônia. Desse modo, identificaram-se duas variantes, a saber: fricativa alveolar [s] e fricativa pós-alveolar [ʃ]<sup>3</sup>.

Para se chegar aos resultados analisados nesta seção, analisaram-se vinte e um itens lexicais para as realizações de /S/ em coda silábica interna e externa, a saber: (009) *Luz*, (015) *Fósforo*, (021) *Arroz*, (031) *Casca*, (063) *Três*, (064) *Dez*, (067) *Estrada*, (069) *Desvio*, (084) *Escola*, (086) *Giz*, (088) *Rasgar*, (102) *Questão*, (113) *Pescoço*, (120) *Costas*, (124) *Caspa*, (126) *Desmaio*, (137) *Voz*, (155) *Paz*, (156) *Mesma*, (157) *Hóspede* e (158) *Esquerdo*. No total, foram analisados 1290 dados referentes ao /S/ em posição de coda silábica interna e externa. O Quadro 2 abaixo exemplifica as ocorrências do referido aspecto fonético-fonológico.

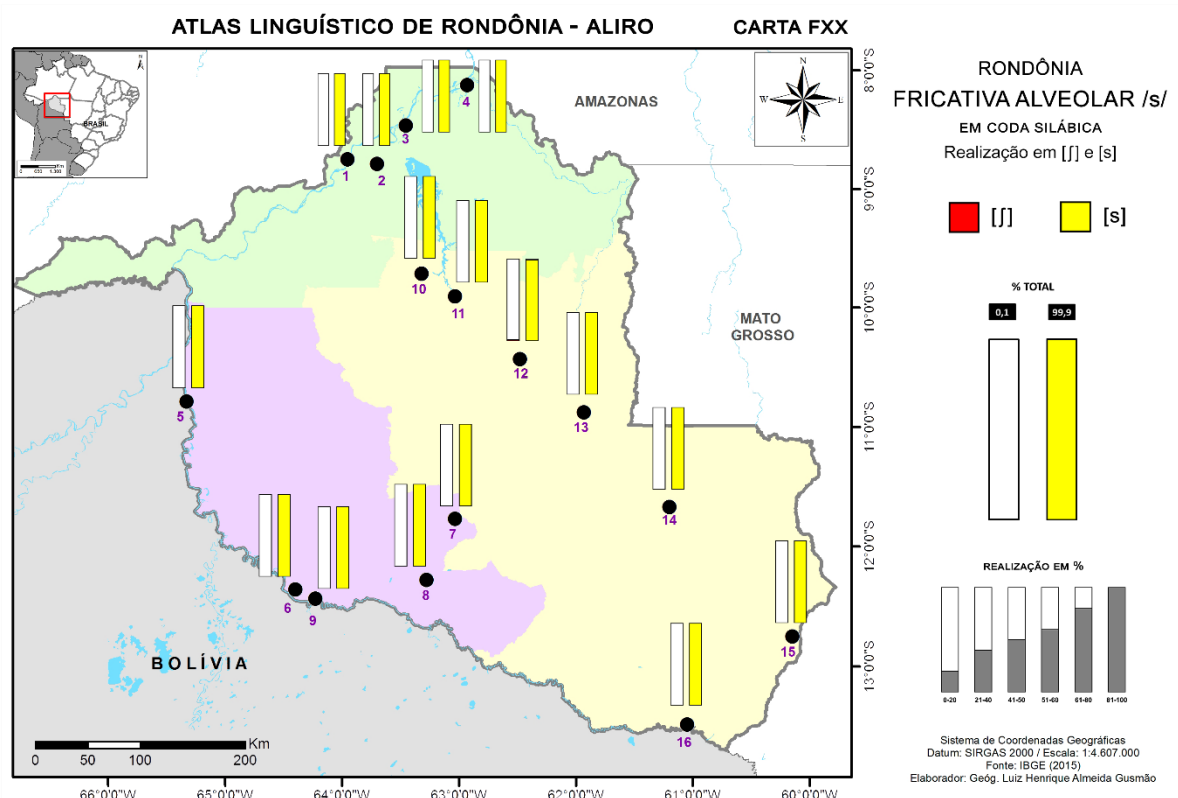
**Quadro 2** – Amostra ilustrativa das realizações de /S/ em coda silábica interna e externa

| Amostra ilustrativa das REALIZAÇÕES<br>DE /S/ EM CODA SILÁBICA |         |            |          |
|--|---------|------------|----------|
| Nº   | ITEM    | [s]        | [ʃ]      |
| 009  | Luz     | [ˈlujs]    | –        |
| 063  | Três    | [ˈtrejs]   | –        |
| 120  | Costas  | [ˈkɔstɐ]   | [ˈkɔʃtɐ] |
| 124  | Caspa   | [ˈkaspɐ]   | –        |
| 126  | Desmaio | [dezˈmajɔ] | –        |

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Os dados analisados acerca do /S/ em posição de coda silábica interna e externa, como mostra a *Figura 2*, demonstraram índices quase categóricos para a variante fricativa alveolar. Todavia, embora não haja variação significativa quanto a esse aspecto fonético-fonológico no falar de Rondônia, a comparação desse resultado com os dados dos demais atlas linguísticos dos estados da Região Norte mostra um contínuo dialetal que ultrapassa os limites geopolíticos das fronteiras dos estados do Pará, Amazonas e Rondônia.

**Figura 2** – Carta diatópica do /S/ em coda silábica interna e externa (localidades)



Fonte: Banco de dados do projeto ALIRO.

Faz-se importante destacar que a ocorrência de fricativa pós-alveolar na fala de Rondônia ocorreu apenas no item *costas*, sendo realizado, portanto, como [ˈkɔʃtɐ]. Hora e Monaretto (2003) e Hora e Henrique (2016) demonstraram que, na fala de João Pessoa, a predominância de realização é da fricativa alveolar [s], no entanto houve ocorrência de fricativa pós-alveolar [ʃ] em um condicionamento fonológico específico: quando a consoante fricativa alveolar /s/ está diante das consoantes coronais /t, d, n/ – ocorrendo, portanto, em posição de coda silábica interna –, a fricativa alveolar passa a ser realizada como fricativa pós-alveolar [ʃ]. Hora e Monaretto (2003) explicam esse fenômeno a partir do processo de dissimilação, isto é, a fricativa alveolar /s/ possui os traços [+coronal, +anterior], bem como as coronais /t, d, n/, desse modo, o fonema /s/ sofre dissimilação para um fonema articulatoriamente próximo e que não viole o molde silábico da língua portuguesa<sup>4</sup>, realizando-se, portanto, como [ʃ], o qual possui também o traço [+coronal],

<sup>4</sup> Em língua portuguesa, as consoantes que podem ser realizadas em posição de coda silábica se limitam aos fones [s, z, ʃ, ʒ, r, l, x, ɣ], portanto a consoante que mais se aproxima de /s/ e que pode ser realizada como alofone em posição de coda silábica em língua portuguesa é a fricativa pós-alveolar [ʃ].

porém difere-se de /s, t, d, n/ por possuir o traço [-anterior].

Embora a ocorrência da fricativa pós-alveolar no item lexical *costas* possa ser explicada pelo processo de dissimilação, os dados analisados para /S/ em posição de coda silábica interna e externa mostraram que o fator diatópico é mais forte que os condicionamentos fonológicos e, dessa forma, a não-palatalização ou *manutenção* de /S/, no Estado de Rondônia, é um aspecto gramaticalizado no português falado no Estado.

#### 4.2 Variação da vogal média /e/

A análise de dados apontou a presença de três variantes envolvendo a vogal média /e/ em posição pretônica: o *alçamento* (/e/ > [i]), o *abaixamento* (/e/ > [ɛ]) e a *manutenção*<sup>5</sup> em [e].

Para se chegar aos resultados obtidos nesta seção, analisaram-se vinte e um itens lexicais para as realizações de /e/ pretônico, a saber: (002) *Terreno*, (003) *Prateleira*, (004) *Televisão*, (006) *Tesoura*, (008) *Travesseiro*, (011) *Elétrico*, (027) *Fervendo*, (049) *Elefante*, (067) *Estrada*, (069) *Desvio*, (074) *Seguro*, (081) *Emprego*, (084) *Escola*, (106) *Mentira*, (110) *Perdão*, (123) *Ferida*, (126) *Desmaio*, (144) *Perfume*, (150) *Perdida*, (152) *Perguntar* e (158) *Esquerdo*. No total, foram analisados 1341 dados referentes à vogal média /e/ em contexto pretônico. O *Quadro 3* abaixo exemplifica as ocorrências das três variantes encontradas para essa vogal.

**Quadro 3** – Amostra ilustrativa das realizações da vogal média /e/ pretônica

| Amostra ilustrativa das REALIZAÇÕES<br>DA VOGAL MÉDIA /e/ PRETÔNICA |             |              |              |              |
|---|-------------|--------------|--------------|--------------|
| Nº  | ITEM        | Abaixamento  | Alçamento    | Manutenção   |
| 02  | Terreno     | [te'hẽno]    | —            | [te'hẽno]    |
| 04  | Televisão   | [televi'sãw] | —            | [televi'sãw] |
| 06  | Tesoura     | —            | [ʧi'zore]    | [te'sore]    |
| 08  | Travesseiro | —            | [travi'sero] | [trave'sero] |
| 011   | Elétrico    | [ɛ'letriko]  | —            | [e'letriko]  |
| 067   | Estrada     | —            | [is'tradɐ]   | [es'tradɐ]   |

<sup>5</sup> Considera-se, neste estudo, *manutenção* como sendo a forma invariável da vogal média anterior /e/ em posição pretônica, isto é, a vogal média-alta [e].

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Os resultados apontam a dimensão diatópica como fator importante para o uso de cada variante, demonstrando uma concentração maior de cada uma dessas variantes em uma das microrregiões elencadas para este estudo. Ademais, dentre os fatores diatráticos, apenas o fator diageracional apresentou influência relativamente significativa, apontando o *abaixamento* de /e/ como mais recorrente na fala dos informantes de segunda faixa etária. Observou-se, ainda, que os informantes mais jovens tendem a manter invariável a vogal /e/ em posição pretônica. Dentre os contextos fonológicos analisados, a altura e posterioridade da vogal tônica e o contexto fonológico posterior e anterior da vogal pretônica se mostraram significativos para a realização dos processos fonológicos da vogal em análise.

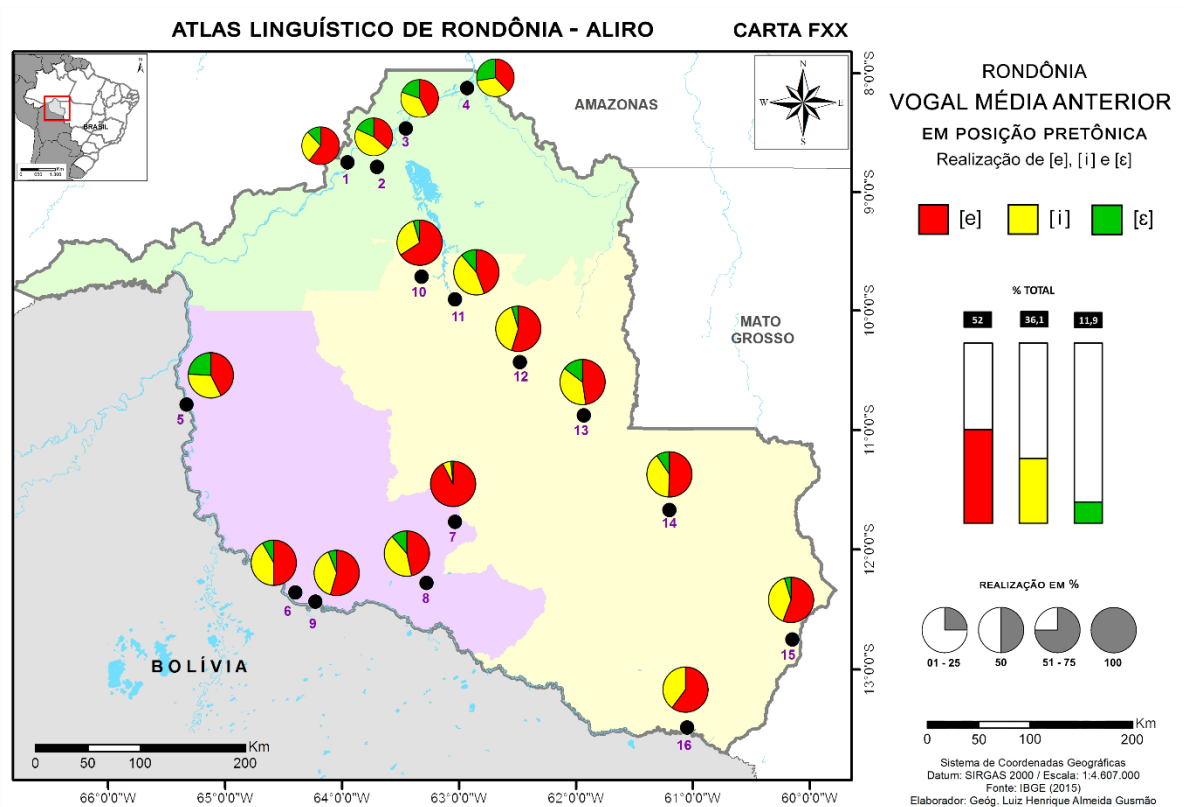
Em Rondônia, como mostra a Figura 3, há uma maior tendência de *manutenção* da vogal média anterior em posição pretônica (52%). No entanto, o índice de *alçamento* dessa vogal constitui uma realização relativamente significativa no território rondoniense (36,1%). Percebe-se também que, apesar da baixa frequência total (11,9%), o *abaixamento* da vogal se fez presente em quase todas as localidades estudadas, só não ocorrendo no PI-16. Nesse contexto estadual, as 3 variantes constituem um macroagrupamento para cada variante<sup>6</sup> que cobre todo o espaço de Rondônia, com exceção da vogal baixa que não é registrada em PI-16-Pimenteiras. Esses macroagrupamentos exigem, no entanto, uma análise mais fina para melhor categorizar o impacto de cada variante do ponto de vista de sua frequência.

---

<sup>6</sup> Razky, Teles e Coimbra (2019) elaboraram um estudo com o *corpus* do ALiRO referente à vogal média anterior /e/ em posição pretônica em que traçaram cartograficamente a distribuição das variantes dessa vogal, identificando macroagrupamentos (Ma1, Ma2 e Ma3), microagrupamentos (Mi1 e Mi2) e um nanoagrupamento (Nano1), demonstrando, por meio de cartas de agrupamento fonético, a distribuição heterogênea da variação da vogal média /e/ em posição pretônica.



**Figura 3** – Carta diatópica da vogal média anterior em posição pretônica (localidades)



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

O fator diasssexual, como a Tabela 1 evidencia, não exerceu influência quanto à escolha das variantes da vogal média anterior, apresentando frequências muito similares tanto entre os informantes do sexo masculino quanto entre as informantes do sexo feminino.

**Tabela 1** – Percentual da vogal média anterior em posição pretônica (sexo)

| Sexo      | Abaixamento |      | Alçamento   |      | Manutenção  |      |
|-----------|-------------|------|-------------|------|-------------|------|
|           | Ocor./Total | %    | Ocor./Total | %    | Ocor./Total | %    |
| Masculino | 83/670      | 12,4 | 246/670     | 36,7 | 341/670     | 50,9 |
| Feminino  | 76/671      | 11,3 | 239/671     | 35,6 | 356/671     | 53,1 |
| Total     | 159/1341    | 11,9 | 485/1341    | 36,2 | 697/1341    | 52   |

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Na Tabela 2, encontram-se as ocorrências e percentuais de ambas as faixas etárias. Pode-se notar que a segunda faixa etária tende a realizar com mais frequência o *abaixamento* (15,9%) e o *alçamento* (40,6%) da vogal pretônica anterior. Percebe-se, ainda, que a primeira faixa etária foi a que mais manteve a vogal invariável, atingindo 58,5% de frequência de *manutenção*.

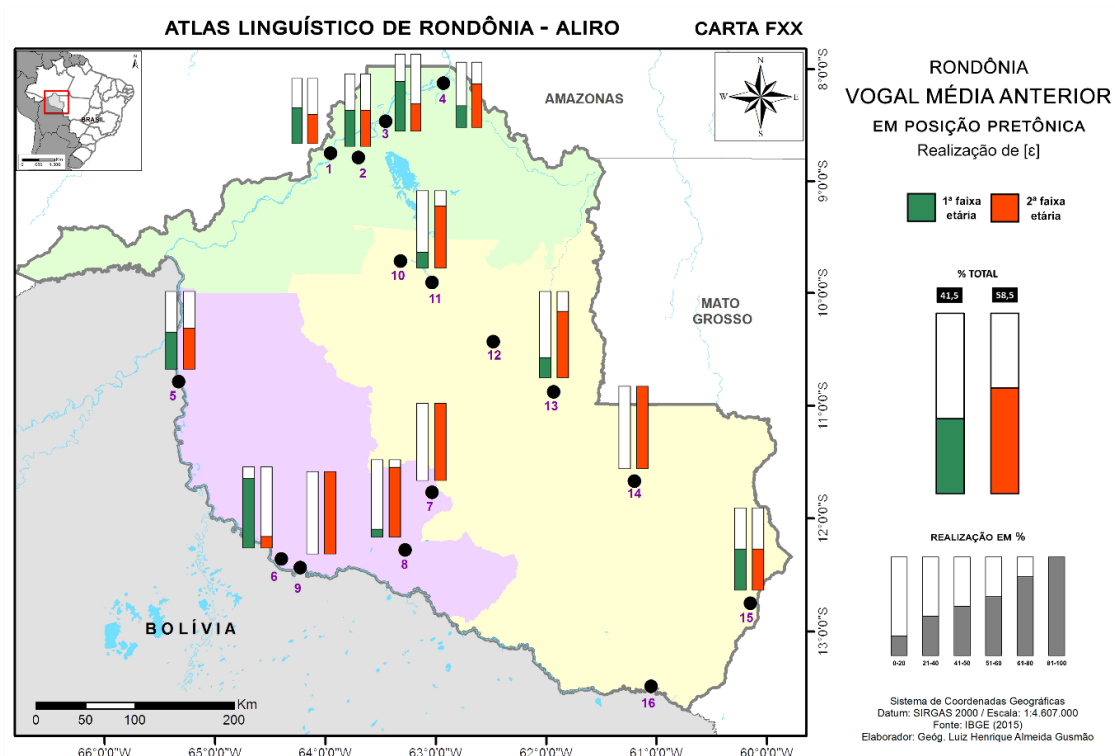
**Tabela 2** – Percentual da vogal média anterior em posição pretônica (faixa etária)

| Faixa etária | Abaixamento     |             | Alçamento       |             | Manutenção      |           |
|--------------|-----------------|-------------|-----------------|-------------|-----------------|-----------|
|              | Ocor./Total     | %           | Ocor./Total     | %           | Ocor./Total     | %         |
| 1ª           | 66/737          | 9           | 240/737         | 32,6        | 431/737         | 58,5      |
| 2ª           | 93/604          | 15,4        | 245/604         | 40,6        | 266/604         | 44        |
| <b>Total</b> | <b>159/1341</b> | <b>11,9</b> | <b>485/1341</b> | <b>36,2</b> | <b>697/1341</b> | <b>52</b> |

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

A Figura 4 demonstra que a distribuição do *abaixamento* entre os municípios, no que diz respeito às faixas etárias, é heterogênea, embora o percentual total, tanto para a primeira faixa etária (41,5%) quanto para a segunda faixa etária (58,5%), não tenham sido substancialmente díspares. Dessa forma, constatou-se frequência categórica em PI-07-Seringueiras, PI-09 – Forte Príncipe da Beira e PI-14-Pimenta Bueno, embora tenha sido possível verificar que, dentre as microrregiões, o Vale do Guaporé-Mamoré e o Cone Sul possuem frequência muito elevada de *abaixamento*, diferentemente da Região Norte, que apresentou frequência mais equilibrada entre a primeira e a segunda faixa etária.

**Figura 4** – Carta diageracional do *abaixamento* da vogal média anterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

### 4.3 Variação da vogal média pretônica /o/

A análise de dados apontou a presença de duas variantes envolvendo a vogal média pretônica /o/: o *alçamento* (/o/ > [u]) e a *manutenção*<sup>7</sup> em [o].

Para se chegar aos resultados analisados nesta seção, analisaram-se seis itens lexicais para as realizações de /o/ pretônico, a saber: (022) *Gordura*, (025) *Colher*, (037) *Bonito*, (122) *Joelho*, (148) *Dormindo* e (149) *Assobio*. No total, foram analisados 368 dados referentes à vogal média /o/ em contexto pretônico. O Quadro 4 abaixo exemplifica as ocorrências das duas variantes encontradas para essa vogal.

**Quadro 4** – Realizações da vogal média /o/ pretônica

| REALIZAÇÕES DA VOGAL MÉDIA /o/ PRETÔNICA |          |            |            |
|--|----------|------------|------------|
| Nº                                       | ITEM     | Alçamento  | Manutenção |
| 022                                      | Gordura  | [guh'dʊrɐ] | [goh'dʊrɐ] |
| 025                                      | Colher   | [ku'ʎɛ]    | [ko'ʎɛ]    |
| 037                                      | Bonito   | [bu'ɲitʊ]  | [bo'ɲitʊ]  |
| 122                                      | Joelho   | [ʒu'eʎʊ]   | [ʒo'eʎʊ]   |
| 148                                      | Dormindo | [duh'mĩdʊ] | [duh'mĩdʊ] |
| 149                                      | Assobio  | [asu'biw]  | [aso'viw]  |

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Os resultados apontaram a dimensão diatópica como fator relevante uma vez que há agrupamentos fonéticos em diferentes níveis no Estado (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019).

Dentre os contextos fonológicos, a altura da vogal tônica, o peso silábico e o contexto fonológico posterior e anterior da vogal pretônica se mostraram significativos para o processo de *alçamento* da vogal em análise.

A variável diasssexual, assim como na vogal média anterior, não demonstrou ser determinante para a escolha das variantes encontradas. Todavia, como se nota na Tabela 3, os informantes do sexo masculino parecem optar, com maior frequência, pelo *alçamento* (56,8%) da vogal posterior em posição pretônica. As informantes do sexo feminino, por sua vez, conservam, com maior frequência, a vogal invariável (48,6%).

**Tabela 3** – Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (sexo)

| Sexo         | Alçamento      |             | Manutenção     |             |
|--------------|----------------|-------------|----------------|-------------|
|              | Ocor./Total    | %           | Ocor./Total    | %           |
| Masculino    | 105/185        | 56,8        | 80/185         | 43,2        |
| Feminino     | 94/183         | 51,4        | 89/183         | 48,6        |
| <b>Total</b> | <b>199/368</b> | <b>54,1</b> | <b>169/368</b> | <b>45,9</b> |

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Para a variável diageracional, como mostra a Tabela 4, o índice de *manutenção* da vogal média posterior em posição pretônica foi mais frequente entre os informantes mais jovens (55,4%), ao passo que o *alçamento* dessa vogal foi mais recorrente na fala dos informantes de segunda faixa etária (65,7%).

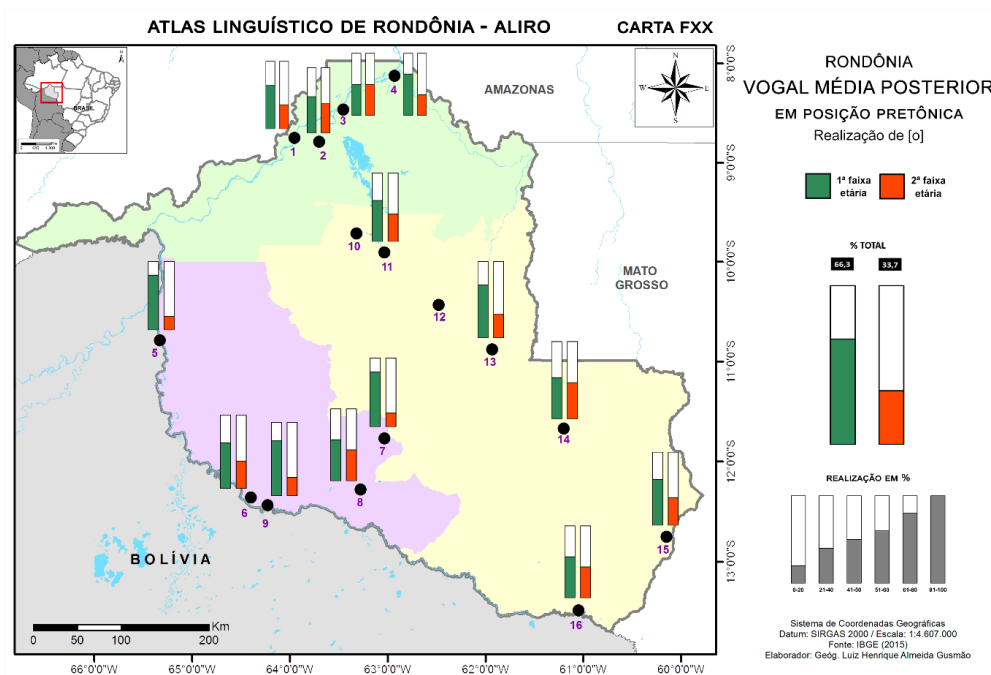
**Tabela 4** – Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (faixa etária)

| Faixa etária | Alçamento      |             | Manutenção     |             |
|--------------|----------------|-------------|----------------|-------------|
|              | Ocor./Total    | %           | Ocor./Total    | %           |
| 1ª           | 90/202         | 44,6        | 112/202        | 55,4        |
| 2ª           | 109/166        | 65,7        | 57/166         | 34,3        |
| <b>Total</b> | <b>199/368</b> | <b>54,1</b> | <b>169/368</b> | <b>45,9</b> |

Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

A Figura 5 demonstra que a *manutenção* da vogal média posterior foi predominante em todo o território rondoniense (66,3%) para a primeira faixa etária, com exceção do PI-03-São Carlos, em que a frequência de [o] foi igual para ambas as faixas etárias.

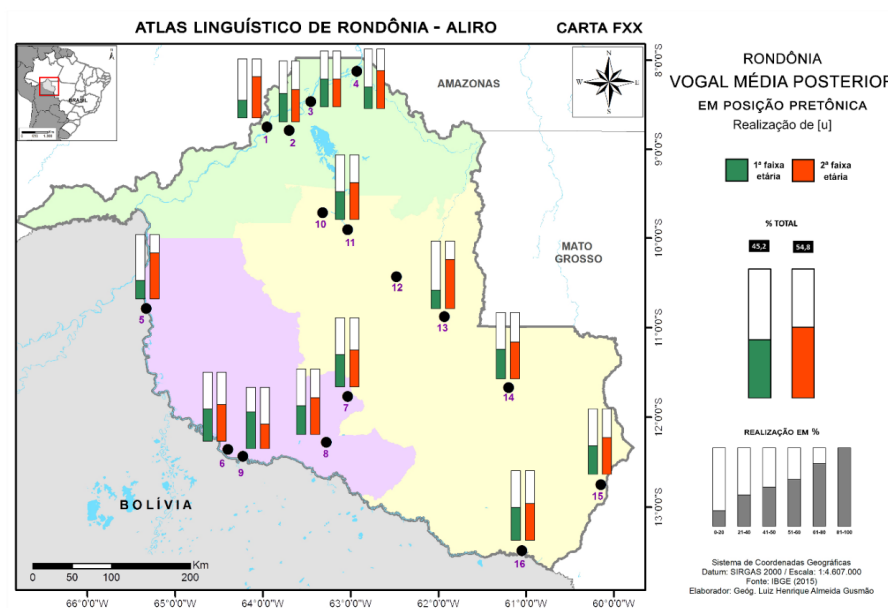
**Figura 5** – Carta diageracional da *manutenção* da vogal média posterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

Diferentemente da *manutenção*, o *alçamento* foi mais recorrente entre os informantes mais velhos (54,8%). Como mostra a Figura 6, o *alçamento* foi predominante em todas as localidades estudadas com exceção do PI-09-Forte Príncipe da Beira e PI-03-São Carlos.

**Figura 6** – Carta diageracional do *alçamento* da vogal média posterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALiRO.

### Considerações finais

Este artigo se propôs mostrar o estado da arte do projeto Atlas Linguístico de Rondônia, utilizando amostras de segmentos consonantais e vocálicos que foram analisadas com base no *corpus* levantado para a elaboração do referido atlas. Pode-se constatar que o ALiRO se insere na perspectiva geossociolinguística da Dialectologia moderna. Ademais, ressalta-se que o ALiRO contribui, primeiramente, como um acervo documental para a variação fonética no território rondoniense, uma vez que metodologicamente sua rede de pontos foi escolhida em pontos de inquéritos estratégicos, que puderam representar significativamente a variação fonética no Estado de Rondônia. Soma-se a isso a possibilidade, após sua publicação, de se elaborar estudos comparativos voltados para a variação linguística em Rondônia e seus estados vizinhos, quais sejam: Acre, Amazonas e Mato Grosso.

As análises geossociolinguísticas apresentadas demonstram o rigor teórico-metodológico com que foi conduzida a pesquisa que constitui o ALiRO, uma vez que as cartas experimentais não comprovam somente a descrição e o mapeamento minuciosos do português falado no Estado de Rondônia, mas ampliam possibilidades de análise para observações quanto ao contínuo dialetal entre Amazonas e Pará, por exemplo.

Dessa maneira, faz-se fundamental destacar a importância histórica no que concerne à análise linguística, tanto no que tange à variação quanto no que diz respeito à mudança linguística. Os processos histórico-geográficos pelos quais o Estado de Rondônia passou configuram uma significativa representatividade na distribuição variacional concernentes aos aspectos fonético-fonológicos analisados. Por isso a relevância do projeto ALiRO não se estende somente ao aspecto geossocial e geolinguístico da variação do português falado em Rondônia, mas também à sua contribuição para a documentação sincrônica e histórica de seus falares.

### Referências

- AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná v. II: comentários sobre a Dialectometria. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*. São Paulo, 2012, v. 41, n. 2, p. 818-832.
- AMARAL, N. F. G. do. Processos Migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura. *Linha d'Água*, 25, p. 87-107, 2012.



CARDOSO, S.; Alice A. et al. *Atlas Linguístico do Brasil Cartas Linguísticas 1*, Londrina: EDUEL, 2014

CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários* 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

GUY, G.; ZILLER, A. *Sociolingüística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D.; HENRIQUE, P. F. Estudo sobre a percepção da fricativa coronal pós-vocálica em João Pessoa. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 147-164, 2016.

HORA, D.; MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: Hora, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUEPB, 2003.

KOCK, W. et al. *ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. v. 1. UFRGS: Rio Grande do Sul, 2002.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialetologia no Brasil. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. Uma análise lexicométrica das narrativas de Santarém. *MOARA*, Belém, v. 8, p. 123-137, 1997.

RAZKY, A. (Org.). *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM. [CD-ROM]. 2004.

RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 155-164.

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. *Estudos Linguísticos e Literários*. n. 41 Salvador, UFBA, 2010.

RAZKY, A. et al. Agrupamentos fonéticos da vogal média anterior /e/ em posição pretônica no Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO). *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v.61, p. 1-19, 2019.

RAZKY, A. et al. Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item *cambalhota* no Atlas Léxico-Sonoro do Pará (ALESPA). *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 40, jul.-dez., 2018.

RAZKY, A.; CRUZ, R. Geoling: a maquete do programa de cartografia linguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A, F. de. (Org.). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro - Volume 2*. 1ed.Campinas- SP: PPONTES EDITORES, 2020, v. 2, p. 121-138.

ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS*. Campo Grande, v. 18, n. 35, 2014, p. 135-153.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SÉGUY, J. La dialectométrie dans l'Atlas linguistique de la Gascogne. *RLiR* 37, 1973, p. 1-24.

SILVA, A. G. da. *No Rastro dos Pioneiros*. Porto Velho: Escopo Editora, 1984.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10ª ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

VIEIRA, H. G. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolingüístico. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EdueL, 1998. p. 207-224.



Data de submissão: 20/11/2020

Data de aceite: 30/06/2021